

Residência é residência, trabalho é trabalho: estudo quali-quantitativo sobre o trabalho remoto de professores universitários durante a pandemia da COVID-19

Residency is residency, work is work: a quali-quantitative study on the remote work of university professors during the COVID-19 pandemic

Residencia es residencia, trabajo es trabajo: estudio cuali-cuantitativo sobre el trabajo remoto de los profesores universitarios durante la pandemia COVID-19

Recebido: 09/07/2021 | Revisado: 15/07/2021 | Aceito: 16/07/2021 | Publicado: 25/07/2021

Maria da Purificação Nazaré Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8279-4769>
Universidade Federal da Bahia, Brasil
E-mail: puri@ufba.br

Rosemary da Rocha Fonseca Barroso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3427-3288>
Universidade Federal da Bahia, Brasil
E-mail: rosefonseca@ufba.br

Martha Luísa Machado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0180-2860>
Universidade Federal da Bahia, Brasil
E-mail: martha.luisa@ufba.br

Carla de Magalhães Cunha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9644-7194>
Universidade Federal da Bahia, Brasil
E-mail: cdcunha@ufba.br

Valterlinda Alves de Oliveira Queiroz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9269-1595>
Universidade Federal da Bahia, Brasil
E-mail: valterlinda@ufba.br

Poliana Cardoso Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6698-0289>
Universidade Federal da Bahia, Brasil
E-mail: polianamartins@ufba.br

Mônica Leila Portela de Santana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2706-8238>
Universidade Federal da Bahia, Brasil
E-mail: monicalp@ufba.br

Resumo

Trata-se de estudo quali-quantitativo que visa compreender as condições objetivas e subjetivas vivenciadas por docentes universitários brasileiros frente ao trabalho remoto emergencial, durante a pandemia de COVID-19. Dados de 508 respondentes da questão aberta de um websurvey foram analisados em cinco Categorias de Relatos sobre as Condições de Trabalho Remoto (1. Espaço de casa; 2. Da mudança do presencial para o remoto; 3. Sem queixas; 4. Reflexos no adoecimento; 5. Mista). Dados sociodemográficos, do domicílio e das condições de trabalho foram analisados entre as categorias de relatos pelo teste Qui-quadrado de Pearson/Fischer. A maioria dos docentes era do sexo feminino (65%), 40 anos ou mais (77%), casados (65%), com filhos (64%) e moravam com até três pessoas (74%). Os relatos classificados na categoria 2 foram prevalentes (42,9%) e mostraram dificuldades de interação social; aumento da demanda; sentimento de exploração; e falta de apoio institucional. Houve associação com dados sociodemográficos, número de cômodos e moradores, e de algumas condições para o trabalho remoto ($p < 0,05$). As mulheres relataram a frágil divisão entre os diversos papéis que desempenham. Docentes com maior número de moradores no domicílio e os mais velhos tiveram mais dificuldades no momento da mudança do trabalho presencial para o remoto. Relatos sobre adoecimento foram mais frequentes no sexo feminino, entre os que atuam há mais tempo na docência e sem boa conexão de internet. A rotina de trabalho remoto emergencial foi marcada por adaptações, desafios e dilemas, o que demanda políticas de prevenção de agravos e de proteção à saúde do trabalhador docente.

Palavras-chave Docente universitário; COVID-19; Saúde do Trabalhador; Teletrabalho.

Abstract

This is a quali-quantitative study that aims to understand the objective and subjective conditions experienced by Brazilian university professors in the face of emergency remote work, in the COVID-19 pandemic. Data from 508

respondents who answered the open question of a web survey were analyzed in five Categories of Reports on Remote Working Conditions (1. Home space; 2. The change from face-to-face to remote; 3. No complaints; 4. Reflections on illness; 5. Mixed). Sociodemographic, household and working conditions data were analyzed between reporting categories using the Pearson/Fischer chi-square test. Most professors were female (65%), 40 years or older (77%), married (65%), with children (64%) and lived with up to three people (74%). The reports classified in category 2 were prevalent (42.9%) and showed difficulties in social interaction; increased demand; feeling of exploration; and lack of institutional support. There was an association with sociodemographic data, number of rooms and residents, and some conditions for teleworking ($p < 0.05$). Women reported the fragile division between the different roles they perform. Professors with a greater number of residents at home and the older ones had more difficulties when moving from face-to-face to teleworking. Reports about illness were more frequent in females, among those who have been working for longer in teaching and without good internet connection. The emergency teleworking routine was marked by adaptations, challenges and dilemmas, which demand policies to prevent injuries and protect the health of University professors.

Keywords: University professor; COVID-19; Occupational Health; Teleworking.

Resumen

Se trata de un estudio cualitativo-cuantitativo que pretende comprender las condiciones objetivas y subjetivas experimentadas por los profesores universitarios brasileños frente al trabajo remoto de emergencia en el primer semestre de la pandemia de COVID-19. Los datos de 508 encuestados que respondieron la pregunta abierta de una encuesta web se analizaron en cinco Categorías de Relatos sobre Condiciones de Trabajo a la Distancia (1. Espacio en el hogar; 2. Del cambio de presencial al remoto; 3. Sin quejas; 4. Reflexiones sobre enfermedad; 5. Mixto). Los datos sociodemográficos, del domicilio y de las condiciones laborales se analizaron entre las categorías de relatos mediante la prueba de Chi-cuadrado de Pearson/Fischer. La mayoría de los profesores eran mujeres (65%), 40 años o más (77%), casados (65%), con hijos (64%) y vivían con hasta tres personas (74%). Los relatos clasificados en la categoría 2 fueron prevalentes (42,9%) y mostraron dificultades en la interacción social; aumento de la demanda; sentimiento de exploración; y falta de apoyo institucional. Hubo asociación con datos sociodemográficos, número de habitaciones y residentes, y algunas condiciones para el teletrabajo ($p < 0,05$). Las mujeres informaron de la frágil división entre los diferentes roles que desempeñan. Los docentes con mayor número de residentes en casa y los mayores tuvieron más dificultades en el momento de cambiar del trabajo presencial al teletrabajo. Los relatos sobre enfermedades fueron más frecuentes en las mujeres, entre las que llevan más tiempo trabajando en la enseñanza y sin una buena conexión a Internet. La rutina del teletrabajo de emergencia estuvo marcada por adaptaciones, desafíos y dilemas, que demandan políticas para prevenir agravios y proteger la salud de los profesores universitarios.

Palabras clave: Profesor Universitario; COVID-19; Salud ocupacional; Teletrabajo.

1. Introdução

Em 2020, o mundo foi tomado por uma situação pandêmica, ocasionada pelo novo coronavírus denominado SARS-CoV-2 (*Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*) (Guo et al., 2020), que afetou populações de todos os grupos etários, sexo e raça (Jin et al., 2020; Kang e Jung, 2020; Palaiodimos et al., 2020), e os diversos estratos sociais ainda que de forma não igualitária (Palaiodimos et al., 2020). Ao final de 2020, os casos confirmados no mundo ultrapassaram os oitenta e dois milhões, com mais de um milhão e oitocentas mil mortes e o Brasil ocupava a segunda posição em número absoluto de óbitos (World Health Organization, 2020). Na tentativa de frear a transmissão do vírus, intervenções não farmacológicas foram adotadas como a utilização de máscaras, a frequente higiene das mãos, distanciamento físico, isolamento social, suspensão de atividades não essenciais, substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais, entre outras medidas que foram gradativamente implantadas no mundo e no Brasil (World Health Organization, 2021; Brasil, 2020a; Brasil, 2020b).

Quase concomitantemente com a confirmação da transmissão comunitária da COVID-19 no Brasil, foram suspensas as atividades acadêmicas presenciais nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas, em nível nacional, durante o ano de 2020 (Brasil, 2020a; Brasil, 2020b; Brasil, 2020c), perdurando no início de 2021 (Brasil, 2020d). As atividades presenciais foram, então, substituídas pelo ensino remoto emergencial, implementado no contexto da pandemia, no qual se mantém padrões semelhantes à educação presencial, porém, com uso de materiais e estratégias que possibilitem a interação com os estudantes no processo de ensino e aprendizagem (Hodges et al., 2020). Essa modalidade de ensino se distingue da Educação a Distância (EaD), cujo processo de ensino e aprendizagem é mediado por meios e tecnologias de informação e comunicação, assim como de políticas de acesso, de acompanhamento e de avaliação compatíveis com o método (Brasil,

2017). Ou seja, o ensino remoto não é sinônimo da EaD, vez que tem desenhos pedagógicos e objetivos distintos, assemelhando-se quanto ao uso de tecnologias digitais.

O Brasil possuía em 2019, aproximadamente, 400 mil docentes em IES públicas e privadas (Inep, 2020), quantitativo que foi surpreendido com o cenário que impôs o trabalho remoto emergencial e exposto a fatores estressores, até então não vivenciados de forma conjugada, como por exemplo: a) aproximação, aquisição de habilidades e domínio dos ambientes virtuais de aprendizagem; b) necessidade de qualificação para uso das ferramentas digitais; c) inclusão de novas formas de ensino-aprendizagem mediadas pela tecnologia; e d) necessidade de múltiplas adaptações, desde a requerida transposição dos conteúdos teórico-práticos, para o modelo on-line, até a adequação do espaço da casa para realização das atividades laborais associadas ao cotidiano doméstico. Adicione-se a todo esse contexto adverso, a dificuldade de manutenção das atividades de pesquisa e extensão pela redução do acesso aos campi, e ao campo da pesquisa.

Esse quadro alterou as condições de trabalho dos docentes, que para fins deste estudo, serão analisadas na perspectiva da percepção do trabalhador de suas condições objetivas e subjetivas de trabalhar durante a pandemia. Dados das condições de trabalho possibilitam compreender os riscos e o grau de exposição dos trabalhadores, bem como os atributos do ambiente e da organização do trabalho que permitem mitigar tais riscos, incluindo-se análises das diferentes ocupações, características e situações laborais que podem desvelar os possíveis efeitos das mudanças do mundo do trabalho na qualidade do trabalho (Eurofound and International Labour Organization, 2019).

Assim, a escassez de estudos próprios de situações emergentes, o quantitativo de profissionais que tiveram seu lócus de trabalho alterado (Inep, 2020) e a magnitude da extensão da COVID-19 (World Health Organization, 2021) justificam a importância de se avaliar as mudanças nas condições de trabalho que surgiram após a instalação da pandemia. Considerando as possíveis dificuldades de adaptação da comunidade universitária às rápidas mudanças impostas pela pandemia, e a necessidade de contribuir com explicações sistemáticas que possam ser testadas e criticadas através de provas empíricas e da discussão intersubjetiva (Köche, 2010), este estudo pretende compreender as condições objetivas e subjetivas vivenciadas por docentes universitários brasileiros frente ao trabalho remoto emergencial.

2. Estratégia Metodológica

Trata-se de estudo com perfil quali-quantitativo realizado com docentes de IES públicas e privadas das cinco regiões brasileiras, que faz parte da Pesquisa "Influência da pandemia da COVID-19 sobre a saúde mental e comportamento alimentar de discentes e docentes de instituições de ensino superior: um estudo de coorte" nominado CoCASA (Coorte Comportamento Alimentar e Saúde).

O projeto CoCASA foi realizado de forma a atingir todo o Brasil, no formato on-line. Adotou-se amostragem não-probabilística e o recrutamento dos participantes foi realizado por meio de: 1) envio de mensagem por endereço eletrônico (e-mail) para as IES solicitando envio aos docentes; 2) envio de mensagem aos docentes que tivessem seu e-mail institucional disponibilizado na homepage da IES; e 3) divulgação através das redes sociais do CoCASA, dos pesquisadores e das instituições que aceitaram divulgar. Durante esta mobilização, o convidado recebia uma carta convite bem como o link de acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e ao questionário da pesquisa desenvolvido na plataforma SurveyMonkey®, contendo informações sobre aspectos demográficos, socioeconômicos, condições de trabalho, saúde geral e mental, estilo de vida, comportamento alimentar, imagem e estigma corporal e, segurança alimentar. Dados referentes aos últimos quatro meses antecedentes à pesquisa.

População e amostra do estudo

No período de julho a agosto de 2020 responderam ao questionário on-line 2.257 docentes, os quais compõem a coorte. Para este estudo, participaram 508 docentes, de ambos os sexos, que atenderam aos seguintes critérios de seleção: estar

seguindo as medidas de isolamento social e responderam à questão aberta não obrigatória sobre as condições de trabalho remoto. A amostra foi comparada, através do Qui-quadrado de Pearson com a população de origem (baseline) da Pesquisa CoCASA e não foram encontradas diferenças entre os grupos (valor de $p > 0,05$) para sexo, estado civil, renda, variáveis do domicílio e região do domicílio, diferindo, entretanto, para as variáveis relacionadas ao vínculo de trabalho, acesso à internet e espaço adequado para o trabalho remoto.

Processamento das variáveis e análise dos dados

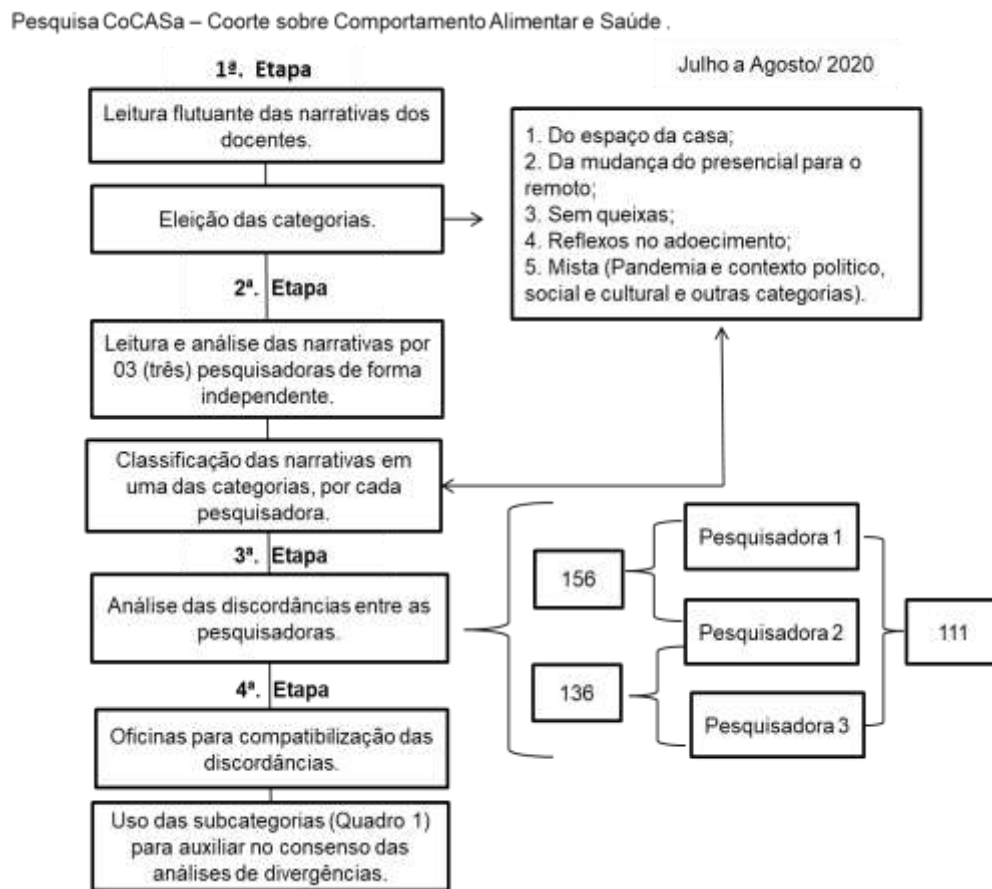
Foram utilizadas, para caracterizar a população do estudo, as variáveis sociodemográficas: sexo, faixa etária (abaixo ou acima/igual de 40 anos), estado civil (casado ou não), ter ou não filhos e renda familiar (abaixo/igual ou acima de 9,6 salários-mínimos - SM); as variáveis do domicílio, como o número de moradores (abaixo/igual ou acima de 3), número médio de cômodos (sendo utilizada a média da população para classificação) e a região brasileira do domicílio.

As características e condições de trabalho remoto dos docentes foram analisadas a partir das variáveis: vínculo empregatício (IES pública ou não), titulação, tempo de experiência na docência do ensino superior (abaixo/igual ou acima da média da população), horas médias diárias trabalhadas nos últimos quatro meses (categorizadas em abaixo/igual ou acima da média), a área do conhecimento onde estavam inseridas as disciplinas lecionadas (categorizadas em: 1) Sociais e Humanas; 2) Exatas e Naturais e 3) Biológicas, Saúde e da Terra) e, recursos para o trabalho remoto (espaço adequado e a qualidade da conexão com a internet).

A variável desfecho deste estudo derivou de um espaço livre designado como “espaço de fala”. Nesse espaço, fez-se a seguinte “provocação” ao docente: “Considerando o contexto da pandemia, você gostaria de fazer colocações sobre suas condições de trabalho remoto?”. Os docentes podiam optar por respondê-la ou não. A partir das respostas obtidas, realizou-se uma análise dos relatos de acordo com as etapas apresentadas na figura 1.

Na primeira etapa foi realizada a leitura flutuante de todas as 508 narrativas, com eleição das categorias de análise que emergiram do material analisado. Na segunda etapa foi realizada a análise das narrativas por três pesquisadoras, de forma independente. Todas preencheram uma matriz, previamente elaborada, de forma a classificar as narrativas nas categorias elencadas na figura 1. Os relatos dos docentes foram analisados buscando entender as condições objetivas e subjetivas de trabalhar e viver nesses tempos de pandemia. Posteriormente, na terceira etapa, o material analisado por cada pesquisadora foi submetido à análise das discordâncias (Figura 1).

Figura 1. Etapas realizadas para análise e categorização das narrativas docentes sobre as condições de trabalho remoto, durante a pandemia da Covid-19.



Fonte: Autores.

Na quarta etapa, em oficinas, foram analisadas as discordâncias de forma conjunta pelas três pesquisadoras. Para cada análise divergente a narrativa era lida em voz alta, cada pesquisadora justificava a sua escolha e as possibilidades de interpretação eram discutidas até que se atingisse o consenso para classificação do relato no bloco das categorias. Nesses momentos se recorria, sempre que necessário, ao elenco das subcategorias (Quadro 1) de forma que a análise do relato e a interpretação de cada pesquisadora pudesse ser discutida e analisada pelas demais. Importante ressaltar que a busca do consenso não era tão somente um fim em si mesmo, mas uma forma de desvelar os significados atribuídos pelos docentes às suas condições de trabalho remoto no momento de pandemia. Trabalho realizado com muito respeito aos docentes que utilizaram o “espaço de fala” para expressar os sentimentos vivenciados nesse período de tantas incertezas.

Análises dos dados

Os dados categóricos foram descritos através de distribuições de frequência e, para os dados contínuos, foram utilizadas médias e desvio padrão (DP). Para este estudo, as categorias obtidas a partir das narrativas docentes constituíram a variável desfecho. Foi realizada análise bivariada para comparar as características sociodemográficas, do domicílio e das condições de trabalho de acordo com as categorias do desfecho utilizando o teste Qui-quadrado de Pearson (χ^2) e o teste Exato de Fisher para a comparação das proporções, conforme o número de casos. O valor de $p < 0,05$ foi considerado estatisticamente significativo. As análises foram realizadas com auxílio do Microsoft Excel 2010 e do software STATA/SE versão 15.0.

Quadro 1. Categorias e subcategorias dos relatos sobre as condições de trabalho remoto de docentes. Pesquisa CoCAsa, 2020.

Categorias	Subcategoria (s)
1. DO ESPAÇO DA CASA	1.1 Autofinanciamento para melhorar as condições de trabalho em casa. Não é justo. 1.2 Da falta de estrutura em casa (espaço físico, equipamentos e internet) para o trabalho remoto. 1.3 Não compartilhamento das tarefas domésticas (questões de gênero). 1.4 Múltiplas demandas (trabalho, casa e família).
2. DA MUDANÇA DO PRESENCIAL PARA O REMOTO	2.1 Da falta de preparo, letramento, em relação ao manejo das ferramentas do trabalho remoto (tecnologias...). 2.2 Das dificuldades em relação à interação com os alunos: 2.2.1 Da necessidade de interação física/corporal. 2.3 Trabalho remoto é excluyente, especialmente aulas (a preocupação com o acesso pelos discentes). 2.4 A demanda de trabalho aumentou (trabalho muito mais em casa, remotamente, do que no trabalho presencial). 2.5 Estar conectado o dia inteiro é um problema. Separar o tempo de trabalho e de outras coisas da vida, de forma clara. 2.6 Sentimento de exploração pela contratante. 2.7. Falta de apoio institucional.
3. SEM QUEIXAS	3.1 - Visão positiva ou neutra do momento. Sem queixas das condições de trabalho remoto.
4. REFLEXOS NO ADOECIMENTO	4.1 Medo de não ser mais como antes. 4.2 Sentimento de não fazer adequadamente o papel de docente. 4.3 Ansiedade, estresse e similares. 4.4 Esgotada físico. 4.5 Esgotamento mental. 4.6 Sentimento de perda da materialidade (razão) do trabalho.
5. MISTA: conexões diversas	5.1 Questões sobre a pandemia e o contexto, social, cultural e político. 5.2 Constatações genéricas – Outros.

Fonte: Autores.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o parecer de nº 4.125.928 (CCAEE: 33931520.8.0000.5023), em conformidade com a Resolução Conselho Nacional de Saúde 466/2012 para pesquisa em seres humanos. Seguiram-se as orientações emitidas em maio/2020, para realização de pesquisas durante a pandemia, pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

3. Resultados

Dentre os docentes participantes deste estudo (n=508) e que relataram suas condições de trabalho remoto durante a pandemia, percebeu-se a predominância da presença feminina (65%), idade acima de 40 anos (77%), casados ou em união estável (65%), com filhos (64%) e renda média familiar acima de 9,6 SM (63%). Em relação ao domicílio, o número médio de cômodos foi de 8,5 (DP: 3,0) e residir com até três pessoas foi mais prevalente (74%). Em relação à distribuição geográfica, a maioria dos docentes morava em estados do nordeste brasileiro (39,4%), seguido do sul (27%) e sudeste (25%). Mais da metade (57%) relatou que não tinha familiares ou pessoas próximas diagnosticados com COVID-19 na época do estudo (Tabela 1).

Tabela 1. Descritiva da população do estudo considerando as características sociodemográficas, do domicílio e do trabalho docente. Pesquisa CoCASA, 2020.

Variáveis	n	%
<i>Características Sociodemográficas</i>		
Sexo biológico (n=507)		
Feminino	330	65,1
Masculino	177	34,9
Faixa etária (n=507)		
< 40 anos	113	22,3
≥ 40 anos	394	77,7
Estado civil: Casado? (n=508)		
Não	176	34,7
Sim	332	65,4
Tem Filhos? (n=508)		
Não	184	36,2
Sim	324	63,8
Renda média familiar (n=478)		
Abaixo/igual a 9,6 SM*	175	36,6
Acima de 9,6 SM	303	63,4
<i>Relacionadas ao domicílio</i>		
Nº de moradores por domicílio (n=508)		
0 a ≤3	378	74,4
Acima de 3	130	25,6
Nº médio (DP) de cômodos no domicílio (n=505) ^{!!}		
	8,5	3,0
Região do domicílio (n=508)		
Norte	21	4,1
Nordeste	200	39,4
Centro-Oeste	22	4,3
Sudeste	127	25,0
Sul	138	27,2
<i>Relacionadas às condições de trabalho</i>		
Vínculo: exclusivamente com IES pública? (n=508)		
Sim	402	79,1
Não	106	20,9
Titulação (n=508)		
Especialização/Mestrado	121	23,8
Doutorado	387	76,2
Área do conhecimento onde exerce a docência (n=507)		
Sociais e Humanas	213	42,0
Exatas e Naturais	129	25,4
Biológicas, Saúde e da Terra	165	32,5
Espaço apropriado para o trabalho remoto (n=508)		
Não	276	54,3
Sim	232	45,7
Variáveis	n	%
Acesso à internet		

Boa conexão	365	71,9
Com interrupção/acesso celular	143	28,2
Tempo médio de docência (n=508) ¹	16,0	10,2
Horas médias diárias de trabalho (n=505) ^{!!!}	8,4	3,9
Alguma pessoa próxima ou familiar foi diagnosticada com COVID-19? (n=500)		
Não	286	57,2
Sim	214	42,8
Categorias dos relatos sobre as condições de trabalho remoto em tempos de pandemia (n=508)		
1. Do espaço da casa	129	25,4
2. Da mudança do presencial para o remoto	218	42,9
3. Sem queixas	49	9,7
4. Reflexos no adoecimento	57	11,2
5. Mista (Pandemia e contexto político, social e cultural e outras categorias)	55	10,8

* SM: salário-mínimo vigente em 2020 (R\$ 1.045,00). ¹Média e DP dos anos de experiência na docência do ensino superior. ^{!!}Média e DP do número de cômodos dos domicílios. ^{!!!}Média e DP das horas trabalhadas por dia, nos últimos quatro meses. Fonte: Autores.

A maior parte dos participantes tinha vínculo exclusivo com universidades públicas (79%), tempo médio de atuação como docente de 16 anos (DP: 10,2) e doutorado (76%), além de atuar em disciplinas da grande área das Ciências Sociais e Humanas (42%), embora tenha sido encontrada uma distribuição muito próxima entre as três áreas de conhecimento. Quando avaliadas as condições e os recursos disponíveis para o trabalho remoto, 54% dos docentes referiram não ter espaço apropriado, 28% não tinha acesso à *internet* com boa conexão e a média de horas diárias de trabalho foi de 8,4 (DP: 3,9). Considerando as categorias dos relatos sobre as condições de trabalho remoto, a categoria 2 - *Da mudança do presencial para o remoto* foi prevalente (42,9%), seguida da categoria 1 que englobou aspectos relacionados ao *Espaço de casa* (25,4%) e da categoria 4 que representou aspectos caracterizados como *Reflexos no adoecimento* (11,2%) (Tabela 1).

Nota-se, nos relatos, a importância dos aspectos relacionados à *Mudança do trabalho presencial para o remoto* (categoria 2) e as implicações no processo do trabalho docente, tais como:

1) as dificuldades de interação social: “*O trabalho remoto é muito exaustivo. A comunicação com colegas e alunos é muito prejudicada. A carga de trabalho parece ter aumentado muito. Sinto-me falando para a parede em reuniões remotas, sem poder acompanhar as reações dos demais participantes (que permanecem com câmeras e microfones desligados) [...]. Esvaziou-se inteiramente o espaço de sociabilidade que costuma existir em reuniões e aulas presenciais. Tudo se limita aos assuntos de trabalho, as relações interpessoais que as sustentam praticamente inexistem na dinâmica de trabalho remoto.*” (mulher, 55 anos); “*É um desafio constante. A falta de interação chega a ser insuportável! [...]*” (homem, 50 anos);

2) aumento da demanda, a conectividade exigida e a indivisibilidade do trabalho e demais aspectos da vida: “*Insuportável falta de privacidade de alunos enviando mensagens [...] a qualquer hora do dia e a qualquer dia da semana. Meu espaço em casa é inadequado e o corpo dói muito na hora de dormir. O trabalho mais que duplicou e outras atividades muito necessárias não podem ser cumpridas*” (mulher, 51 anos); “*O trabalho remoto não considera as condições de trabalho do servidor, além de fazer com que o conceito de trabalho e residência desapareça. Não sei mais se minha casa é um espaço de descanso ou um espaço de produção para trabalho. É importante lembrar ainda que minha privacidade não existe mais, uma vez que tenho de organizar minha casa em função das atividades de trabalho e não mais em função do meu bem-estar*” (homem, 44 anos).

3) e ainda, o sentimento de exploração pela contratante e falta de apoio institucional: “*Sinto-me tratada como máquina. A faculdade cobra nossa adaptação, mas não demonstra, na prática, preocupação com nossa situação*” (mulher, 41 anos).

A segunda categoria com maior frequência nos relatos - *Espaço de casa* - pode ser retratada pelo excerto que se segue: “[...]. *Quanto ao trabalho remoto é extremamente difícil terminar o dia com a sensação de dever cumprido, pois como mãe, quando atendo melhor as crianças, não me dedico da forma como gostaria (cumpro o que devia fazer, mas sem condições de fazer diferente, como por exemplo em uma aula); quando me dedico mais ao trabalho, deixo as crianças sem a atenção que gostaria de dar a elas. Quanto aos afazeres domésticos, com exceção da alimentação, o restante é o que dá para fazer, quando se é possível*” (mulher, 39 anos).

Essa narrativa é bem emblemática do trabalho remoto em tempos de pandemia. Estar em casa, sem redes de apoio de creches, escolas, familiares e prestação de serviços de trabalhadores domésticos representou sobrecarga e sobreposição de atividades para muitas famílias, em especial, para as mulheres.

O trecho da narrativa que inspirou o título do artigo "*Residência é residência, não é local de trabalho*" anuncia a necessidade e as dificuldades enfrentadas para estabelecer marcas de distinção do espaço doméstico e do espaço de trabalho. Pelas próprias características das atividades docentes, alguns já mantinham em seus lares um espaço adequado destinado ao trabalho. No entanto, essa não era uma realidade para a maioria dos participantes (54%) que tiveram que improvisar diversos espaços, muitas vezes sem a estrutura apropriada e acesso à *internet* compatível para atender as demandas de múltiplos usuários. Essa narrativa também retrata aspectos distintos do *Reflexo no adoecimento* (categoria 4): “*Residência é residência, não é local de trabalho, em especial quem integra ensino-pesquisa-extensão... Não tem como transformar minha residência em local ou espaço universitário. Estou em sofrimento psicológico, minha intimidade invadida. Minha residência exposta. Terrível, desumano, inadequado e está levando ao adoecimento*” (mulher, 68 anos).

Neste estudo, buscou-se analisar aspectos objetivos e subjetivos das condições de trabalho, assim, em uma perspectiva quantitativa verificou-se diferenças significantes (valor de $p < 0,05$) na comparação das proporções das categorias dos relatos com todas as variáveis sociodemográficas. Aproximadamente 73% das mulheres e 60% dos homens tiveram seus relatos situados nas categorias 1 e 2 (*Espaço de casa* e *Da mudança do presencial para o remoto*). Porém, entre os homens, as categorias 3 (*Sem queixas*), 4 (*Reflexos no adoecimento*) e 5 (*Mista*) foram em sentido contrário aos das mulheres, encontrando-se mais que o dobro da frequência nas categorias 3 (16,4%) e 5 (17,0%), e com menor frequência na categoria 4 (6,8%) quando comparado com seus pares do sexo feminino (Tabela 2).

Tabela 2. Características sociodemográficas, do domicílio e do trabalho de acordo com as categorias dos relatos sobre as condições de trabalho remoto de docentes em tempos de pandemia da COVID-19. Pesquisa CoCASA, 2020.

Variáveis	Categorias sobre condições de trabalho remoto n (%)					X ² (valor de p)
	1. Do espaço da casa	2. Da mudança do presencial para o remoto	3. Sem queixas	4. Reflexos no adoecimento	5. Mista*	
<i>Características Sociodemográficas</i>						
Sexo biológico						<0,05
Feminino	92 (27,9)	149 (45,2)	20 (6,1)	44 (13,3)	25 (7,6)	
Masculino	37 (20,9)	69 (39,0)	29 (16,4)	12 (6,8)	30 (17,0)	
Faixa etária						<0,05
< 40 anos	43 (38,1)	42 (37,2)	10 (8,8)	11 (9,7)	7 (6,2)	
≥ 40 anos	86 (21,8)	176 (44,7)	39 (9,9)	46 (11,7)	47 (11,9)	
Estado civil: Casado?						<0,05
Não	34 (19,3)	95 (54,0)	15 (8,5)	18 (10,2)	14 (8,0)	
Sim	95 (28,6)	123 (37,1)	34 (10,2)	39 (11,8)	41 (12,4)	
Tem Filhos?						<0,05
Não	32 (17,4)	97 (52,7)	14 (7,6)	25 (13,6)	16 (8,7)	
Sim	97 (29,9)	121 (37,4)	35 (10,8)	32 (9,9)	39 (12,0)	
Renda						<0,05
≤ 9,6 SM*	45 (25,7)	87 (49,7)	8 (4,6)	24 (13,7)	11 (6,3)	
> 9,6 SM	80 (26,4)	122 (40,3)	37 (12,2)	26 (8,6)	38 (12,5)	
<i>Relacionadas ao domicílio</i>						
Nº de moradores por domicílio						<0,05
0 a ≤3	80 (21,2)	173 (45,8)	36 (9,5)	47 (12,4)	42 (11,1)	
Acima de 3	49 (37,7)	45 (34,6)	13 (10,0)	10 (7,7)	13 (10,0)	
Nº de cômodos por domicílio						<0,05
≤ Média (8,5)	90 (30,4)	119 (40,2)	23 (7,8)	35 (11,8)	29 (9,8)	
> Média	39 (18,7)	96 (45,9)	26 (12,4)	22 (10,6)	26 (12,4)	
Região do domicílio						0,08
Sudeste/Sul e Centro-Oeste	67 (23,4)	129 (44,9)	35 (12,2)	29 (10,1)	27 (9,4)	
Norte e Nordeste	62 (28,0)	89 (40,3)	14 (6,3)	28 (12,7)	28 (12,7)	
<i>Relacionadas às condições de trabalho</i>						
Vínculo: exclusivamente público?						0,14
Sim	109 (27,1)	168 (41,8)	35 (8,7)	49 (12,2)	41 (10,2)	
Não	20 (18,9)	50 (47,2)	14 (13,2)	8 (7,5)	14 (13,2)	
Titulação						0,43
Especializ./Mestrado	35 (28,9)	50 (41,3)	15 (12,4)	10 (8,3)	11 (9,1)	
Doutorado	94 (24,3)	168 (43,4)	34 (8,8)	47 (12,1)	44 (11,4)	
Área do conhecimento						0,60
Sociais e Humanas	51 (23,9)	100 (46,9)	17 (8,0)	24 (11,3)	21 (9,9)	
Exatas e Naturais	39 (30,2)	49 (38,0)	16 (12,4)	12 (9,3)	13 (10,1)	
Biológicas, Saúde e da Terra	39 (23,6)	69 (41,8)	15 (9,1)	21 (12,7)	21 (12,7)	

Variáveis	1. Do espaço	2. Da mudança	3. Sem	4. Reflexos no	5. Mista*	X ²
-----------	--------------	---------------	--------	----------------	-----------	----------------

	da casa	do presencial para o remoto	queixas	adoecimento		(valor de <i>p</i>)
Espaço apropriado para o trabalho remoto (n=508)						<0,05
Não	94 (34,1)	106 (38,4)	15 (5,4)	32 (11,6)	29 (10,5)	
Sim	35 (15,1)	112 (48,3)	34 (14,6)	25 (10,8)	26 (11,2)	
Acesso à internet						<0,05 ¹
Boa conexão	90 (24,7)	147 (40,3)	46 (12,6)	37 (10,1)	45 (12,3)	
Com interrupção/acesso celular	39 (27,3)	71 (49,6)	3 (2,1)	20 (14,0)	10 (7,0)	
Tempo na docência						<0,05
≤ média de anos na docência (16 anos)	96 (32,1)	120 (40,1)	27 (9,0)	31 (10,4)	25 (8,4)	
> média	33 (15,8)	98 (46,9)	22 (10,5)	26 (12,5)	30 (14,3)	
Horas médias diárias de trabalho						0,94
≤ Média (8,42)	75 (26,1)	124 (43,2)	25 (8,7)	32 (11,2)	31 (10,8)	
> Média	54(24,4)	94 (42,5)	24 (10,9)	25 (11,3)	24 (10,9)	
Alguma pessoa próxima ou familiar foi diagnosticada com COVID-19? (n=500)						0,30
Sim	56 (26,2)	88 (41,1)	16 (7,5)	29 (13,5)	25 (11,7)	
Não	70 (24,5)	128 (44,8)	33 (11,5)	27 (9,4)	28 (9,8)	

*5. Mista envolve aspectos da Pandemia e o contexto político, social e cultural e outras categorias. X²: Qui-quadrado de Pearson. ¹ P-valor do Teste Exato de Fisher. Fonte: Autores.

Os relatos das docentes chamaram a atenção para a tênue divisão entre o papel de trabalhadora e o de mãe e esposa, tendo o espaço da casa como o *locus* dos conflitos e dificuldades: “*Muita dificuldade de rendimento quando estou em casa. Demanda com trabalhos domésticos e cuidado com os filhos*” (mulher, 37anos). Assinala-se, inclusive, a dificuldade de se ter qualidade de vida e/ou no trabalho, quando se tem criança para cuidar: “*O trabalho remoto com criança pequena dentro de casa é quase impossível, ou seja, só consigo trabalhar após às 22h, indo dormir somente de madrugada e tendo que acordar cedo. A qualidade de sono e de vida caíram bastante. Fora que eu tive que ir atrás de todo aparato para conseguir suprir uma disciplina remota.*” (mulher, 38 anos); “*O trabalho remoto ocorre apenas nos momentos em que meu filho de 18 meses dorme. É impossível realizar um trabalho de qualidade com ele próximo. Tenho gravado as aulas e agendado os plantões de dúvidas para os horários que ele dorme [...].*” (mulher, 40 anos).

Extraí-se desses e de outros relatos, além da condição do autofinanciamento, a burocracia institucional, os quais somam-se às dificuldades por elas percebidas: “*A maior dificuldade é a conciliação de atividades domésticas, maternas, e as muitas demandas do trabalho. Há uma burocracia institucional que requer muitos registros, a fim de assegurar a realização do trabalho remoto, o que aumenta e estressa as atividades a serem realizadas pelo professor.*” (mulher, 41 anos).

Considerando a idade, verificou-se que docentes com 40 anos ou mais relacionaram suas condições de trabalho remoto, principalmente, às questões que permeiam à *Mudança do presencial para o remoto* (44,7%), seguido das questões do *Espaço de casa* (21,8%) e o oposto para os mais jovens (*Espaço de casa*: 38,1% e *Da mudança do presencial para o remoto*: 37,2%). Um exemplo de como essa mudança afetou o trabalho de docentes com 40 anos ou mais pode ser visto nas narrativas: “*Não possuo domínio das ferramentas digitais. Então tudo é difícil, às vezes impossível*” (mulher, 71 anos); “*Estou mais cansado agora com atividades remotas do que quando era presencial. Estou trabalhando muito mais e a qualidade do processo ensino/aprendizagem caiu muito.*” (homem, 41 anos); “*Estamos preparados para aula presencial, de um dia para outro nos colocaram para ministrar aula remota [...]. Senti muito despreparada, insegura a ponto de achar que quando*

acabar este período a primeira providência é a aposentadoria, pois depois de tantos anos de sala de aula tudo aquilo que considerava como ensino foi jogado fora, que bastava falar para uma tela já estava ministrando aula [...]” (mulher, 64 anos).

Verificou-se uma frequência similar entre docentes das distintas faixas etárias na categoria 4 (*Reflexos no adoecimento*) (11,7% e 9,7%, respectivamente <40 e ≥40 anos), encontrando-se relatos sobre percepções e sentimentos relacionados à exaustão, sofrimento e ansiedade nos dois grupos: “*Me sinto exausta. Vários fatores não colaboram: internet, espaço, ambiente familiar. É muito desgastante*” (mulher, 43 anos); “*No começo achei que iria enlouquecer. Criei pânico do celular, recebia mensagens 24h, além de ligações de alunos. Atualmente continuo preocupada e trabalhando mais do que a carga, mas sigo mais ajustada à situação*” (mulher, 29 anos); “*Muito tempo sentado, trabalhando nas atividades remotas, resultado fadiga na coluna e ocular*” (homem, 55 anos); “*As demandas das IES têm sido a qualquer hora e invadem tempo e espaço sem limites. Temos quase zero de voz e participação nas decisões e as demandas mudam o tempo todo. Tenho grande sofrimento psíquico e me sinto em curso do Burnout. Enxaquecas e ansiedade são rotineiras desde que se estabeleceu o trabalho remoto*” (mulher, 41 anos).

Cabe destacar que os docentes solteiros, os sem filhos e aqueles com renda abaixo de 9,6 SM foram mais prevalentes na categoria 2 (54%, 52,7% e 49,7%, respectivamente) quando comparados aos casados ou em união estável (37,1%), com filhos (37,4%) e renda acima de 9,6 SM (40,3%) (Tabela 2). Os relatos sobre as dificuldades da *Mudança do presencial para o remoto* também foram frequentes entre docentes mais jovens, solteiros e sem filhos: “*A demanda de trabalho triplicou com o home office. Não há mais limites entre estar em casa e trabalho*” (mulher, 31 anos); “*Dificuldade em motivar os discentes [...], em criar avaliações, em retirar e fornecer livros. Angústia pela conexão de internet, ambiente silencioso e adequado para o período de aula síncrona [...] Sobrecarga de atividades para os docentes*” (mulher, 38 anos).

Verificou-se diferenças significantes entre as categorias do desfecho com as variáveis relacionadas ao domicílio (número de moradores e de cômodos), às condições disponíveis para o trabalho remoto (espaço adequado ou não e qualidade da conexão com a internet) e o tempo na docência. Apesar da maioria dos docentes (74,4%) ter até três moradores em seus domicílios (Tabela 1), os que residiam com mais de três moradores relacionaram suas condições de trabalho em tempos de pandemia à categoria 1 (37,7%) seguido das questões que envolviam a categoria 2 (34,6%). E, quando a população do estudo foi avaliada, considerando o número de cômodos nos domicílios, percebeu-se que o tamanho da residência os afetava de forma diferente, sendo encontrado, por exemplo, distintas proporções na categoria 1 - *Espaço de casa* de 30,4% (≤n° cômodos) e 18,7% (>n° cômodos) (Tabela 2).

Ter um espaço adequado para o trabalho bem como o acesso à internet caracterizaram as condições necessárias para os docentes em tempos de trabalho remoto e ambas se associaram às categorias de relatos sobre tais condições, com prevalência da categoria 2, seguida da categoria 1. Porém, 34,1% e 27,3% dos docentes que não tinham um espaço adequado ou boa conexão de *internet*, respectivamente, relataram condições de trabalho influenciadas pelo *Espaço de casa*. E, os docentes sem boa conexão de *internet* foram os que apresentaram predominância de relatos relacionando as condições de trabalho remoto a questões que refletiam no adoecimento (categoria 4 - 14%). Independente do tempo na docência, a categoria 2 prevaleceu nos relatos. Porém, os com menos de 16 anos de trabalho na docência também foram afetados pelas condições do *Espaço de casa* (categoria 1 - 32,1%) (Tabela 2).

Múltiplas questões subjetivas marcaram os relatos, principalmente os da categoria 1, 2 e 4, e seguem representadas no excerto abaixo, que engloba aspectos distintos da atividade docente, da relação com a IES, dos limites para o processo de ensino-aprendizagem, além dos que perpassam pelas ferramentas do trabalho remoto, pela necessidade de interação, por uma demanda de trabalho e de conectividade aumentada: “*Eu tenho, tecnicamente, boas condições. Os complicadores são: o isolamento social, pois sinto falta do contato físico; aumentou o volume de reuniões remotas, principalmente para assuntos que eram resolvidos no contato direto no departamento e/ou sala de aulas - tudo agora depende de agenda e de reuniões.*”

Aumentou o cansaço: duas horas em atividade remota - reunião, por exemplo - cansa muito mais, pois exige controle do corpo e muito mais atenção na frente da tela. Há assuntos que nem sempre podem ser tratados remotamente [...]. O uso compartilhado em tempo real de telas nem sempre funciona” (mulher, 67 anos).

4. Discussão

As dimensões objetivas e subjetivas de trabalhar e viver em tempos de pandemia envolveram entre outras adaptações, o trabalho remoto emergencial ou a *Mudança do trabalho presencial para o remoto*, adaptações impostas ao *Espaço da casa*, com *Reflexos no adoecimento*, categorias marcantes das condições de trabalho desveladas nos relatos da população do estudo e marcadas por uma multiplicidade de sentimentos e percepções, como revelaram os dados do estudo. Esses relatos sinalizam que a compreensão das condições de trabalho de docentes universitários, em tempos de pandemia, pode ser prejudicada quando engloba somente a perspectiva da lógica do trabalho centrada na oferta ou não de componentes curriculares, na carga horária cumprida ou na produção científica.

As dificuldades vivenciadas pelos docentes e explícitas nos relatos da categoria 2 - *Da mudança do presencial para o remoto*, retratam o impacto da súbita mudança do *lôcus* do trabalho e evidenciam dificuldades diversas. O aumento da demanda de trabalho no exercício da docência foi comum nos relatos, demanda refletida tanto no espaço doméstico (categoria 1) quanto em questões que permeiam o adoecimento (categoria 4). Pesquisas realizadas em 2020 vislumbram as repercussões dessa demanda intrínseca ao trabalho remoto, com resultados preocupantes: docentes emocionalmente esgotados e desanimados, maiores percentuais dos que se sentiam estressados, com raiva e cansados (The Chronicle of Higher Education and Fidelity Investments, 2021); expressivamente mais exaustos ao longo de três meses (abril a junho/2020) (Sokal, Trudel & Babb, 2021); presença de transtorno de ansiedade (Li et al., 2020), resiliência dos professores e nível de esgotamento significativamente correlacionados com suas atitudes em relação à tecnologia, à mudança e sua eficácia (Sokal, Trudel & Babb, 2021).

Além disso, a dicotomia entre uma melhor atuação como docente e a percepção de desequilíbrio entre o trabalho e saúde (que caminha para o adoecimento) pode ser encontrada nos relatos dos participantes deste estudo, o que também é compatível com os resultados de pesquisa realizada com professores do Canadá ((Sokal, Trudel & Babb, 2021), no qual, ao mesmo tempo em que os docentes se consideraram mais eficazes e realizados com o processo de ensino e aprendizagem remoto ao longo do tempo, também mantiveram a percepção de que seu estresse excedia sua capacidade de enfrentamento, encaminhando-se para o esgotamento profissional em direção à síndrome de Burnout.

Sabe-se ainda, que as atividades realizadas por docentes de IES incluem o ensino, as atividades de pesquisa, extensão e gestão universitária, e os resultados do relatório elaborado pelo grupo De Gruyter (Watchorn, Heckendorf & Smith, 2020) identificou aumento no número de horas trabalhadas, a pressão sofrida devido ao ensino remoto não diminuiu com o passar do tempo e os alunos demandavam, além do suporte de ensino, um suporte psicológico dos docentes. Esse cenário, não limitado à determinada fronteira, requer uma estratégia coletiva de enfrentamento dos diversos males que a pandemia trouxe para a sociedade. Se por um lado, o isolamento social é aconselhado até que se estabeleçam estratégias de proteção coletiva, por exemplo por meio de vacinas, por outro, provoca males que precisam ser investigados, mapeados e endereçados de políticas públicas de proteção, especialmente àquelas relacionadas à saúde mental.

Esse panorama demonstra a relevância de estudos que incluam a categoria de docentes universitários e deve despertar o interesse e discussões sobre os impactos na saúde mental e física de um grupo de trabalhadores, que no Brasil, somados aos efeitos da pandemia, vêm sofrendo com desmantelamento orçamentário, diminuição de recursos, pressão por produtividade, cada vez maiores, e ao mesmo tempo, tem por obrigação à formação ética, comprometida e de qualidade dos diversos profissionais de nível superior, independente dos recursos físicos, tecnológicos e de apoio que possua.

Outra importante questão que se revelou sobre as condições de trabalho docente é que o trabalho remoto emergencial instalado em consequência da pandemia da COVID-19 exacerbou discrepâncias e desigualdades já existentes, em especial para as mulheres (Connor et al., 2020). As dificuldades e conflitos vivenciados pelas mulheres na perspectiva da atenção às demandas de trabalho e do cuidado com a família (dupla jornada), já existiam antes da pandemia (Zibetti & Pereira, 2010; Oliveira et al., 2020). Com o trabalho remoto essas questões foram potencializadas, como na população do estudo, onde conciliar os diversos papéis exercidos foi retratado inúmeras vezes, principalmente na categoria *Espaço de casa*.

Tomemos como exemplo a narrativa de uma das participantes que ao dizer *cumpro o que devia fazer, mas sem condições de fazer diferente*, pode expressar, como professora, as possibilidades de trazer para aula ferramentas, técnicas, inovações que permitam experimentar o sentimento de satisfação com a aula ministrada. Por outro lado, como mãe, também há questionamentos quanto à atenção às crianças. Prioriza-se, entre os afazeres domésticos, a alimentação e o *restante é o que dá para fazer, quando se é possível*; exatamente em um momento em que a intensificação da higiene e limpeza são anunciados como expressão de cuidado de si e com os outros. Diante dos questionamentos quanto aos seus “deveres” de trabalhadora e de mãe *é extremamente difícil terminar o dia com a sensação de dever cumprido*. Essa narrativa sinaliza a expressão de “insatisfação” com o trabalho, tanto doméstico quanto profissional, apesar de todos os esforços colocados em cena. E há estudos que revelam como as docentes/pesquisadoras foram afetadas, de forma diferenciada, durante a pandemia, com diminuição da motivação para a pesquisa (Miki et al., 2020); acúmulo de atividades (docentes, domésticas e de cuidado com crianças e pais idosos), aumento da carga de trabalho e piora no equilíbrio entre vida e trabalho em 2020 (The Chronicle of Higher Education and Fidelity Investments, 2021). Quadro este que remete ao apontado por Connor e colaboradores (2020), em que a resposta à COVID-19 requer uma mudança de paradigma na oferta de políticas de saúde, com fomento de intervenções que levem em conta os diferentes efeitos da pandemia sobre os diferentes gêneros, de forma a se amenizar não somente as sequelas biológicas da pandemia, mas também das desigualdades que infligem às mulheres trabalhadoras.

O isolamento social, apesar de protetivo em eventos como guerras e pandemias, carrega consigo uma série de disfunções com consequências psicossociais que nem sempre são o foco dos indivíduos afetados e da população em geral (Torales et al., 2020). Esse ambiente forçosamente necessário para preservar vidas quando aliado a desconexões políticas na saúde e na educação, age em sentido inverso à trajetória das IES. Chinelatto e colaboradores (2020) chamam a atenção para as dificuldades encontradas pelos docentes no uso de diferentes tecnologias para o ensino *on-line*, e que mesmo em cursos bem adaptados, foi necessário um grande esforço de docentes e discentes para possibilitar a interação em sala de aula virtual. A urgência do trabalho remoto, ao que parece, não permitiu uma adequação temporal e tecnológica das IES e do seu corpo docente, como demonstrado neste estudo, onde aproximadamente um terço dos docentes não possuía *internet* de boa qualidade e mais da metade não tinha espaço adequado, para ministrar as aulas de forma remota ou ainda aprimorar de forma satisfatória seus estudos. No ensino superior, arremedos na formação dos discentes podem custar vidas, dinheiro, desinformação e manutenção de desigualdades de todos os tipos.

Dentre as limitações deste estudo aponta-se a utilização de amostragem não-probabilística, que possibilita o viés de amostragem, uma vez que docentes com melhores ou com piores experiências na mudança do modelo de ensino podem ser mais propensos a participar da pesquisa e a expressar seus sentimentos e percepções. E, como ressaltado por Sokal, Trudel & Babb (2021), docentes sobrecarregados com o trabalho podem não ter desejado participar da pesquisa, ou não se sentiram impelidos a responder à questão que se tornou chave para a construção do desfecho deste estudo. Essas questões podem prejudicar a representatividade da amostra, no entanto, deve-se considerar o número expressivo de docentes que utilizaram o espaço da pesquisa para registrar algo sobre o trabalho remoto, principalmente suas inquietações. Outra limitação é a realização de pesquisa no formato *on-line*, que apesar de amplamente utilizada nesse período de trabalho remoto e de isolamento/distanciamento social, traz como desvantagens uma maior taxa de não resposta em comparação à pesquisa

presencial, não permite melhor interlocução junto ao participante dificultando a translação das questões, ou ainda, pode ter desestimulado os docentes com menor afinidade com a tecnologia. Entretanto, há diversas vantagens, como a agilidade na aplicação, na tabulação e tratamento dos dados; alcance territorial do questionário; o acesso a uma plataforma de armazenamento de dados *on-line*; baixo custo e a possibilidade de responder ao inquérito no momento mais apropriado ao participante, com utilização tanto do celular quanto de computadores.

5. Considerações Finais

A rotina de trabalho de docentes em tempos de pandemia está permeada de uma nova lógica de trabalho. O que é a residência e o que é o trabalho? Responder a esta questão não é tarefa fácil, pois traz para cena do cotidiano uma diversidade de elementos, conteúdos, sentidos e significados que espelham o quão complexo tem sido, para docentes universitários brasileiros, trabalhar e viver durante o inesperado trabalho remoto. A casa de muitos docentes não estava adaptada. Foi necessário que se reinventassem e muitas vezes improvisassem uma “nova sala de aula” dentro do próprio espaço doméstico. Espaço dividido com a nova rotina familiar (dar conta do ensino remoto dos filhos, das tarefas domésticas, dos cuidados com outros familiares), além das incertezas, lutos e outras questões relacionadas à pandemia. Independente das limitações deste estudo, destaca-se suas muitas contribuições, em especial, o vislumbre das condições em que o trabalho remoto está sendo realizado por docentes universitários brasileiros e as conjunturas adensadas que se repercutem no cotidiano familiar, na intensificação de conflitos e demandas e, na utilização de múltiplas estratégias para reajustar a rotina da casa-trabalho e do trabalho-trabalho.

O trabalho remoto emergencial foi marcado por adaptações, desafios e dilemas, ante a Pandemia da COVID-19, e a partir dos resultados encontrados, sugere-se a realização de pesquisas científicas, que tenham como objeto o monitoramento de indicadores de saúde dos trabalhadores da Educação, de forma a subsidiarem políticas de prevenção de agravos e de proteção à saúde do trabalhador docente.

Agradecimentos

Aos docentes das Instituições de Ensino Superior brasileiras, nossos agradecimentos.

Referências

- Brasil, & Ministério da Educação. (2020). Portaria n° 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus-Covid-19. *Diário Oficial da União*, 53(1), 39.
- Brasil, & Ministério da Saúde. (2020b). Portaria n° 454, de 20 de março de 2020. Declara, em todo o território nacional, o estado de transmissão comunitária do coronavírus (Covid-19). *Diário Oficial da União*, 55F(1), 1.
- Brasil, & Ministério da Educação. (2020c). Portaria n° 544, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC n° 343, de 17 de março de 2020, n° 345. *Diário Oficial da União*, 114(1), 62.
- Brasil, & Ministério da Educação. (2020d). Portaria n. 1.038, de 7 de dezembro de 2020. Altera a Portaria MEC n° 544, de 16 de junho de 2020 e a Portaria MEC n° 1.030, de 1° de dezembro de 2020. *Diário Oficial da União*, 233A(1A),1.
- Brasil. (2017). Decreto n° 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 2017. *Diário Oficial da União*, 100(1), 3.
- Chinelatto, L. A., Costa, T. R. D., Medeiros, V. M. B., Boog, G. H. P., Hojaij, F. C., Tempski, P. Z., & Martins, M. D. A. (2020). What you gain and what you lose in COVID-19: *Perception of Medical Students on their Education*, 75, 1-3.
- Connor, J., Madhavan, S., Mokashi, M., Amanuel, H., Johnson, N. R., Pace, L. E., & Bartz, D. (2020). Health risks and outcomes that disproportionately affect women during the Covid-19 pandemic: A review. *Social Science & Medicine*, 266, 113364.
- Eurofound and International Labour Organization. Working conditions in a global perspective, Publications Office of the European Union, Luxembourg, and International Labour Organization, Geneva. 2019. Disponível em: <http://eurofound.link/ef18066>.

Guo, Y. R.; Cao, Q. D.; Hong, Z. S.; Tan, Y. Y.; Chen, S. D.; Jin, H. J., & Yan Y. (2020). The origin, transmission and clinical therapies on coronavirus disease 2019 (COVID-19) outbreak - an update on the status. *Mil Med Res.*, 7(1), 1-10.

Hodges, C., Moore, S., Lockee, B., Trust, T., & Bond, A. (2020). The difference between emergency remote teaching and online learning. *Educause review*, 27(1), 1-15.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). (2020). Sinopse Estatística da Educação Superior 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>.

Jin, J. M., Bai, P., He, W., Wu, F., Liu, X. F., Han, D. M., & Yang, J. K. (2020). Gender differences in patients with COVID-19: focus on severity and mortality. *Frontiers in public health*, 8, 152.

Kang, S. J., & Jung, S. I. (2020). Age-related morbidity and mortality among patients with COVID-19. *Infection & chemotherapy*, 52(2), 154.

Köche, J. C. (2011). *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. Vozes. http://www.adm.ufrpe.br/sites/www4.deinfo.ufrpe.br/files/Fundamentos_de_Metodologia_Cienti%CC%81fica.pdf.

Li, Q., Miao, Y., Zeng, X., Tarimo, C. S., Wu, C., & Wu, J. (2020). Prevalence and factors for anxiety during the coronavirus disease 2019 (COVID-19) epidemic among the teachers in China. *Journal of affective disorders*, 277, 153-158.

Miki, Y., Chubachi, N., Imamura, F., Yaegashi, N., & Ito, K. (2020). Impact of COVID-19 restrictions on the research environment and motivation of researchers in Japan. *Progress in Disaster Science*, 8, 100128.

Oliveira, C. V. D. A., Souza, D. E. D., Magalhães, A. G., Silva, J. P. C. D., & Correia, G. N. (2020). Prevalence and factors associated with chronic back problem in women of childbearing age. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 1041-1049.

Palaiodimos, L., Kokkinidis, D. G., Li, W., Karamanis, D., Ognibene, J., Arora, S., ... & Mantzoros, C. S. (2020). Severe obesity, increasing age and male sex are independently associated with worse in-hospital outcomes, and higher in-hospital mortality, in a cohort of patients with COVID-19 in the Bronx, New York. *Metabolism*, 108, 154262.

Pereira, M. D., Oliveira, L. C., Costa, C. F. T., Bezerra, C. M. O., Pereira, M. D., Santos, C. K. A & Dantas, E. H. M. (2020). The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. *Research, Society and Development*, 9(7), 1-35, e652974548.

Sokal, L., Trudel, L. E., & Babb, J. (2021). I've had it! Factors associated with burnout and low organizational commitment in Canadian teachers during the second wave of the COVID-19 pandemic. *International Journal of Educational Research Open*, 100023-100023.

The Chronicle of Higher Education and Fidelity Investments. Fidelity Investments & The Chronicle of Higher Education Study: More Than Half of College and University Faculty Considering Leaving Teaching, Citing Burnout Caused by Pandemic. 2021. <https://www.businesswire.com/news/home/20210225005616/en/Fidelity-Investments-The-Chronicle-of-Higher-Education-Study-More-Than-Half-of-College-and-University-Faculty-Considering-Leaving-Teaching-Citing-Burnout-Caused-by-Pandemic>.

Torales, J., O'Higgins, M., Castaldelli-Maia, J. M., & Ventriglio, A. (2020). The outbreak of COVID-19 coronavirus and its impact on global mental health. *International Journal of Social Psychiatry*, 66(4), 317-320.

Watchorn, D., Heckendorf, E. & Smith, C. (2020). Locked Down, Burned Out Publishing in a Pandemic: the Impact of Covid on Academic Authors. Berlin, Germany: De Gruyter. https://blog.degruyter.com/wp-content/uploads/2020/12/Locked-Down-Burned-Out-Publishing-in-a-pandemic_Dec-2020.pdf.

World Health Organization. (2020). WHO COVID-19 Dashboard. Geneva: World Health Organization. <https://covid19.who.int/>

World Health Organization. (2021). Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public. <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>

Zibetti, M. L. T., & Pereira, S. R. (2010). Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. *Educar em Revista*, spe2, 259-276.